

**A Internacionalização de Pesquisadores e o uso da Social Exchange Theory:  
fragilidades e oportunidades**

**MARCELLO ROMANI-DIAS**

ESCOLA SUPERIOR DE ENGENHARIA E GESTÃO DE SÃO PAULO - ESEG (ESEG)

**ANGELA MARIA SCROCCARO BIASOLI**

UNIVERSIDADE POSITIVO (UP)

**ALINE DOS SANTOS BARBOSA**

ESCOLA SUPERIOR DE ENGENHARIA E GESTÃO DE SÃO PAULO - ESEG (ESEG)

# A Internacionalização de Pesquisadores e o uso da Social Exchange Theory: fragilidades e oportunidades

## 1 Introdução

A internacionalização de pesquisadores ainda é um tema pouco conceituado pela literatura, porém trata-se de um tópico que vem sendo objeto de longas discussões na área acadêmica, tanto em congressos quanto em periódicos, por ser de interesse não só dos próprios pesquisadores, mas também das instituições de ensino superior. Neste contexto, podemos considerar que um pesquisador é internacionalizado quando, em sua atuação acadêmica, se engaja em atividades transnacionais, ou constitui parceria com autores fora de seu país, ou quando atinge impacto científico internacional por meio de suas publicações, ou, ainda, quando publica seus estudos em periódicos de origem internacional (ROMANI-DIAS, 2018).

Embora o tópico da internacionalização do ensino superior seja relevante em diversas áreas de atuação, na prática, não são todas as instituições e pesquisadores que possuem oportunidades e condições que facilitem este processo. Por exemplo, no Brasil, 63% dos pesquisadores nunca tiveram uma experiência de pesquisa fora do país. No Reino Unido, por sua vez, 24% dos pesquisadores atuantes nas universidades são estrangeiros, provenientes de países como Itália, China e Índia (BRITISH COUNCIL, 2018; HOTCOURSES, 2019). É nesse cenário que programas de pesquisa de instituições de ensino superior estão buscando qualificar e ampliar esta discussão perante a comunidade acadêmica internacional, por meio de seus docentes e discentes. De forma mais específica, pesquisadores têm buscado publicar seus trabalhos em *journals* e congressos internacionais, com o intuito principal de ascenderem profissionalmente, de manterem suas posições acadêmicas e de serem reconhecidos; há, contudo, diversos facilitadores e barreiras que ocorrem neste processo de internacionalização, os quais merecem investigação.

Por ser esta uma temática de interesse não só dos próprios pesquisadores, mas também das instituições de ensino superior em que atuam, e diante da escassez de estudos teórico-empíricos sobre a internacionalização de pesquisadores, partimos neste estudo da seguinte questão de pesquisa: quais são as principais fragilidades e oportunidades que a *Social Exchange Theory* possui ao ser adotada para explicar a internacionalização de pesquisadores acadêmicos em tempo integral (*full-time academic researchers*)?

Destaca-se que a *SET* trata de um cenário amplo de negociação em que duas ou mais partes chegam a trocar recursos, e trata também de como estas trocas ocorrem e de como afetam a relação entre as partes envolvidas (CROPANZANO *et al.*, 2017). Para o atingimento do objetivo proposto, desenvolvemos um estudo qualitativo com base em revisão dos principais conceitos sobre a *SET*, sobre a Internacionalização do Ensino Superior e sobre a Internacionalização de Pesquisadores. Foram realizadas 39 entrevistas com pesquisadores internacionais atuantes em 15 programas de Pós-Graduação nos Estados Unidos e no Brasil. Nos Estados Unidos, as entrevistas foram conduzidas no *MIT (Massachusetts Institute of Technology)*, *Harvard University*, *Boston College*, *Northeastern University*, *Bentley University*, *Merrimack College* e *Georgia University*. No Brasil, as entrevistas foram realizadas na Escola de Administração de Empresas da FGV de São Paulo (EAESP-FGV), na Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE-FGV), na Universidade

de São Paulo (USP), no Instituto de Educação e Pesquisa (INSPER), na Escola de Gestão e Negócios (UNISINOS) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD-UFRJ).

Por meio da análise das entrevistas com os pesquisadores identificamos quatro categorias de análise que destacam fragilidades da *SET* e, ao mesmo tempo, que trazem oportunidades para seu desenvolvimento, quais sejam: (i) existem recompensas decorrentes da internacionalização dos pesquisadores que não foram previstas pela teoria; (ii) os benefícios dos pesquisadores com a internacionalização não estão restritos apenas ao nível individual, como originariamente defende a *SET*; (iii) contrariando premissas da teoria, as escolhas dos pesquisadores por internacionalizar suas carreiras não são realizadas exclusivamente de modo racional; (iv) os custos e recompensas decorrentes de uma atividade internacional, quando comparada com outra, raramente são equivalentes, ao contrário do que defende a teoria.

Com estes resultados, o artigo traz diferentes contribuições. A primeira, de caráter teórico, é destinada a *SET*, ao apresentarmos suas fragilidades e oportunidades para o seu desenvolvimento. Ademais, discutimos neste estudo sobre a existência de tópicos relevantes que fazem parte do processo de internacionalização, como motivadores, facilitadores e condições que barram a internacionalização de pesquisadores. Também contribuimos para a prática, ao trazemos argumentos teóricos e empíricos para que pesquisadores e instituições possam elaborar suas estratégias de internacionalização. Como exemplo, nossa análise pode auxiliar instituições de ensino superior no aumento de suas capacidades preditivas perante seus professores pesquisadores, ao terem insights sobre motivadores e barreiras presentes no processo de internacionalização no ensino superior.

## **2 Fundamentação Teórica**

Com o objetivo de atingir o que foi proposto pelo artigo, essa seção teórica tratará dos principais conceitos sobre a *SET* e sobre a Internacionalização do Ensino Superior, com foco na Internacionalização de Pesquisadores, especialmente sobre seus motivadores, barreiras e facilitadores.

### **2.1 Social Exchange Theory**

A *SET* tem seu surgimento nos conceitos econômicos e de intercâmbio e seu foco de abordagem é na questão de como acontece a interação social, indicando quais são os fatores que motivam as trocas sociais. Homans (1958), precursor dos estudos da *SET*, indica que todas as relações se formam, se sustentam ou se rompem devido a uma análise de princípios econômicos básicos de custo-benefício. Este tema foi tratado de forma mais ampla Emerson (1972), que defende a ideia de que as pessoas formam e mantêm relações quando acreditam que sairão beneficiadas por estes relacionamentos (colocado de outro modo, quando seus ganhos são maiores que seus custos). Para uma pessoa engajada em uma troca, o que ela dá deve ser um custo, o que ela recebe deve ser um benefício (HOMANS, 1958). Nye (1978) destaca nove proposições da *SET* relacionadas às escolhas dos indivíduos. A aplicabilidade destas proposições forma a base de nosso artigo e compõe nossa análise de resultados e discussão. As proposições estão expostas na Tabela 1, conforme segue:

Tabela 1 - Proposições da Social Exchange Theory

<i>P1: Os indivíduos buscam aumentar suas recompensas e evitar custos para maximizar seu bem-estar e seus ganhos;</i>
<i>P2: Quando seus custos são iguais, os indivíduos optarão pelo caminho que lhe trouxer as maiores recompensas;</i>
<i>P3: Quando suas recompensas são iguais, os indivíduos optarão pelo caminho que lhe trouxer os menores custos;</i>
<i>P4: Se dois caminhos trazem recompensas imediatas iguais, os indivíduos optarão por aquele que lhe trouxer as maiores recompensas no longo prazo;</i>
<i>P5: Se dois caminhos trazem recompensas de longo prazo percebidas como sendo iguais, os indivíduos optarão por aquele que lhe trouxer as maiores recompensas no curto prazo;</i>
<i>P6: Se dois caminhos trouxerem uma percepção de recompensas e custos equivalentes, os indivíduos optarão por aquele que lhe trouxer a maior expectativa de aprovação social, ou ao menos por aquele que lhe trouxer a menor rejeição social;</i>
<i>P7: Se dois caminhos trouxerem uma percepção de recompensas e custos equivalentes, os indivíduos optarão por aquele que lhe trouxer o maior grau de autonomia de decisão possível;</i>
<i>P8: Se dois caminhos trouxerem uma percepção de recompensas e custos equivalentes, os indivíduos optarão por aquele que lhe trouxer a maior recompensa financeira, ou ao menos por aquele que lhe trouxer o menor gasto financeiro possível;</i>
<i>P9: Se dois caminhos trouxerem uma percepção de recompensas e custos equivalentes, os indivíduos optarão por aquele cujos envolvidos tenham valores parecidos com os seus de forma a concordarem com estes valores, ou ao menos de forma a discordarem pouco sobre estes valores.</i>

Fonte: Nye (1978, p. 221).

As pessoas criam relações na teoria da troca social. Por isso, Emerson (1976) apresenta a primeira abordagem que trata dos aspectos financeiros citando que há as relações de troca econômica, geralmente de curta duração e que envolvem trocas concretas de trabalho por recompensa financeira; e também, em uma segunda abordagem, menciona que há as relações de troca social, de maior duração, que envolvem a permuta de recursos menos tangíveis e mais de âmbito emocional ou sócioemocional, como, por exemplo o reconhecimento e a estima, algo que para determinadas pessoas pode ter mais valor em um processo social e emocional do que os aspectos financeiros.

É possível considerar que a *SET* é baseada em uma premissa central: a troca de ideias sociais e recursos materiais é uma forma fundamental de interação humana (EMERSON, 1976). Cropanzano *et al.* (2017) complementa destacando que os indivíduos tomam suas decisões de maneira racional a fim de maximizar as experiências positivas e minimizar as experiências negativas por meio de interações. Sendo assim, os benefícios e os custos de uma troca social não podem ser pensados como resultados econômicos ou materiais, mas como uma imagem de valores e anseios de cada pessoa (BLAU, 1986; MAZZA, 2007).

Dentre os aspectos referentes ao comportamento humano, Weiss e Stevens (1993) afirmam que somos motivados pelo desejo de maximizar experiências positivas e minimizar experiências negativas por meio de interações sociais, e essas interações têm benefícios e custos para as partes envolvidas. As necessidades do ser humano podem ser organizadas, portanto, em uma hierarquia dos motivos humanos (MASLOW, 1954). Deste modo, e por ordem decrescente de complexidade, as necessidades estão classificadas em fisiológicas, de segurança, de afiliação, de autoestima e de autorrealização (MASLOW, 1954; HESKETH e COSTA, 1980).

Dentre estes níveis, podemos relacionar à *SET* os níveis de estima e autorrealização. O nível de estima aborda sobre a necessidade da pessoa em alcançar determinada coisa para ter competência, para ter *status*, consideração, zelo, estima, apreciação e necessidade de acreditar e de ser alguém no mundo (HESKETH e COSTA, 1980). Portanto, precisamos de outras pessoas para confiarmos e sermos reconhecidos, dado que não conseguimos realizar atividades demasiadamente complexas sozinhos. Para Lawler, Thye e Yoon (2000) a tarefa

implícita ou explícita em troca é a de gerar benefícios para cada indivíduo por meio da troca de bens ou comportamentos que os agentes não podem realizar sozinhos. E em relação as necessidades humanas, outro nível ligado à *SET*, é o de autorrealização ou metamotivação, que diz respeito à necessidade de perfeição, para procurar ser aquilo que o indivíduo tem potencial para ser (HESKETH e COSTA, 1980). Sendo assim, a *SET* está relacionada a um processo social, em que os indivíduos buscam trocar recursos materiais e/ou imateriais, estabelecendo uma relação de confiança, para que sejam atingidas suas necessidades humanas (EMERSON, 1972).

No caso da troca social pode ser aplicada a norma geral da reciprocidade, já que os indivíduos podem ter predisposições favoráveis para com os demais, por acreditarem que receberão o mesmo tipo de conduta em troca (CROPANZANO e MITCHELL, 2005). Uma troca mútua, fundamentada na reciprocidade, é vista como uma troca redutiva do risco envolvido e motiva a colaboração recíproca (MOLM, 1994), de forma que enquanto uma parte dá benefícios para a outra, é esperado que espontaneamente o recebedor retorne um valor no sentido de contentar determinada necessidade do outro, sem ser necessária uma atitude de troca daquele que cedeu primeiramente (BLAU, 1986).

Com base neste referencial, embora diferentes versões da SET tenham emergido desde os primeiros estudos do tema, os teóricos têm consenso no sentido de que a SET envolve uma série de interações ao longo do tempo, que causam obrigações de reciprocidade e que as influências mútuas são habitualmente vistas como interdependentes e contingentes à ação de outro indivíduo, ou do indivíduo consigo próprio ao escolher entre diferentes caminhos (MAZZA, 2007).

## **2.2 Internacionalização de Pesquisadores**

O conceito de internacionalização de pesquisadores ainda é pouco explorado. A literatura descreve sobre a internacionalização do ensino, internacionalização da educação, internacionalização das instituições de ensino superior, da mobilidade internacional e não efetivamente da internacionalização de pesquisadores. Sendo assim, trazemos os conceitos que se aproximam do tema de estudo (ROMANI-DIAS, 2018). A internacionalização é um processo de integração de uma extensão internacional, intercultural ou global na educação, pesquisa e às funções de uma instituição de ensino superior (KNIGHT, 2008).

Romani-Dias *et al.* (2019) mencionam que os pesquisadores são os principais agentes do processo de internacionalização das instituições de ensino, por meio de publicações, participações em congressos e grupos de pesquisa, participação em conselhos editoriais, incentivo ao intercâmbio de alunos, entre outras atividades. A pesquisa está, portanto, no centro do processo de internacionalização, pois a mobilidade internacional é vista como um mecanismo para dinamizar atividades de ensino de outros países, além da colaboração em pesquisa e construção de redes (RAMOS, 2018; SANTIN, 2016).

Quanto ao que motiva os pesquisadores a se internacionalizarem, Ramos (2018) destaca que os determinantes esperados pela internacionalização são um maior impacto da pesquisa e perfil mais internacional, visto que muitos pesquisadores procuram complementar sua formação por períodos de estudo ou pesquisa no exterior, seja com um doutorado sanduíche ou um pós-doutorado no exterior. Santin (2016) complementa que as motivações para a colaboração internacional são diversas e envolvem tanto os padrões internos do campo científico quanto os benefícios esperados do trabalho conjunto entre os países.

Estudo aponta que os principais motivadores da internacionalização são a melhoria da qualidade da pesquisa, o reconhecimento pessoal e institucional, a geração de oportunidades profissionais e o aprendizado decorrente da inserção internacional (ROMANI-DIAS *et al.*, 2019). Os entrevistados investigados pelos autores destacaram o desejo de participarem do debate acadêmico em seus temas de pesquisa - por meio do qual aumentam seu potencial de influência - e de trazer uma contribuição prática para o país.

Embora os pesquisadores tenham fatores que os motivem nesse processo de internacionalização, existem barreiras e/ou inibidores que podem atrapalhar ou até mesmo impedi-lo. Nesse sentido, a falta de suporte administrativo e organizacional ao nível institucional ou departamental é um dos principais fatores que inibem uma maior internacionalização dos programas de pesquisas (RAMOS, 2018).

Outra barreira para os pesquisadores na internacionalização são as limitações em dominar o idioma inglês, o que afeta particularmente as pesquisas nos campos das ciências humanas e ciências sociais aplicadas, em que a capacidade de articular um argumento é ainda mais essencial (MAZENOD, 2018). Além disso, Romani-Dias (2018) argumenta que as principais barreiras percebidas pelos pesquisadores são a diferença de formato das publicações internacionais no processo de avaliação dos trabalhos e a falta de valorização por parte de algumas instituições de ensino em relação ao tempo e aos recursos necessários à internacionalização e ao esforço em produzir as publicações. Estas são as principais barreiras encontradas pelos autores e que dificultam o processo de internacionalização dos pesquisadores.

Desta forma é possível notar que existem barreiras no processo de internacionalização, mas também existem facilitadores que auxiliam os pesquisadores. Docentes que obtiveram seus títulos de doutor no exterior aprendem com esta experiência e tornam-se, inclusive, um facilitador de internacionalização não só para si, mas também para os programas de pesquisa em que atuam (RAMOS, 2018). Outros fatores identificados como facilitadores por Romani-Dias *et al.* (2019) são a inclusão em redes de colaboração internacional, a aprendizagem inerente ao processo de publicar internacionalmente e o potencial empírico existente em alguns países, como por exemplo, no Brasil, que se dá pela pluralidade de tipos de instituições de ensino, tanto em quantidade quanto em qualidade.

### **3 Metodologia**

Para o desenvolvimento do presente estudo, adotou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa com paradigma epistemológico interpretativista, pois busca o estudo busca a compreensão da realidade mediante o objeto estudado e o resultado é baseado na interpretação dos pesquisadores (STRAUSS e CORBIN, 1990). Entrevistas semiestruturadas individuais fornecem os dados primários para este estudo. Os critérios, cumulativos, para recrutamento dos pesquisadores entrevistados foram: (i) atuar como professor permanente em programas de Mestrado e Doutorado na área de Administração; (ii) ter publicado artigos científicos internacionais nos últimos cinco anos; (iii) ter participado de conferências internacionais e eventos acadêmicos; (iv) ter atuado como professor ou como estudante em cursos no exterior.

Com base nestes critérios realizamos 39 entrevistas com pesquisadores acadêmicos em tempo integral de 15 programas de Pós-Graduação nos Estados Unidos e no Brasil. Nos Estados Unidos, as entrevistas foram conduzidas no *MIT (Massachusetts Institute of*

*Technology*), *Harvard University*, *Boston College*, *Northeastern University*, *Bentley University*, *Merrimack College* e *Georgia University*. No Brasil, as entrevistas foram realizadas na Escola de Administração de Empresas da FGV de São Paulo (EAESP-FGV), na Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE-FGV), na Universidade de São Paulo (USP), no Instituto de Educação e Pesquisa (INSPER), Escola de Gestão e Negócios (UNISINOS) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD-UFRJ).

A escolha pelo local de atuação dos entrevistados deu-se devido os diferentes estágios de internacionalização entre as instituições acadêmicas e, também porque elas estão inseridas em contextos institucionais plurais, oferecendo um rico campo para aumentar o poder de generalização de nossos resultados, ou ao menos a aplicabilidade de nossos achados para outros contextos (CRESWELL, 2003). Por um lado, temos pesquisadores trabalhando na região da Nova Inglaterra (EUA), mundialmente conhecida por ser lar de algumas das mais renomadas instituições de ensino do mundo e, por outro lado, temos pesquisadores do Brasil, país considerado novo no debate acadêmico internacional, onde, segundo a Elsevier (2018), menos de 40% dos pesquisadores têm mobilidade internacional. No Reino Unido e no Canadá, por exemplo, mais de 70% dos pesquisadores têm mobilidade internacional. É importante ressaltar que os programas de pós-graduação brasileiros só começaram a ganhar força na década de 1960, e por esta razão o país ainda dá seus primeiros passos rumo a uma participação mais efetiva no diálogo internacional (VELLOSO, 2012).

Como critério de seleção da amostra, escolhemos inicialmente instituições de ensino conhecidas por seu alto grau de internacionalização. Nos EUA, pré-selecionamos instituições que estão incluídas na lista da Carnegie Foundation (2018) de internacionalização regional ou global, e no Brasil selecionamos instituições com algum grau de internacionalização, de acordo com o documento oficial publicado pelo Ministério da Educação do Brasil (CAPES, 2013; 2017).

Para a condução das entrevistas, utilizamos roteiro semiestruturado organizado para abordar a trajetória acadêmica dos entrevistados, suas percepções sobre internacionalização e contexto institucional do qual fazem parte (KERLINGER e LEE, 2000). A primeira rodada de entrevistas começou no Brasil em 2016, a segunda ocorreu nos EUA em 2018 e a terceira foi realizada no Brasil em 2019. Ao final da última fase do estudo 20 pesquisadores atuantes no Brasil e 19 nos EUA foram entrevistados, totalizando 39 respondentes. As entrevistas foram realizadas presencialmente (24), via Skype (14) ou por telefone (1) e tiveram duração média de 50 minutos.

A maneira como os pesquisadores entrevistados responderam as perguntas – oferecendo reflexões profundas sobre suas experiências reais e suas próprias percepções sobre o contexto abordado – forneceu um vasto conjunto de dados relacionados ao objetivo do estudo. Enfatizamos as garantias de anonimato (usamos pseudônimos na análise dos resultados) e proporcionamos um ambiente amigável para minimizar a inibição do entrevistado e estimulá-lo a expressar o que realmente pensa sobre a internacionalização de pesquisadores.

Nosso principal intuito nesta fase foi o de comparar pontos de convergência e divergência entre as percepções do conjunto de proposições que compõem a *SET* sobre a internacionalização de pesquisadores, aumentando assim a validade interna da pesquisa (CRESWELL, 2003). Por meio da descrição sobre a *SET* e o fenômeno da internacionalização dos pesquisadores, buscou-se descobrir padrões nos dados e desenvolver categorias que contribuam conceitualmente (BURREL e MORGAN, 1979). As principais categorias que

emergiram da codificação foram comparadas com a teoria para formar novas perspectivas analíticas, que serviram de subsídio para a análise do conjunto de proposições que compõem a *SET*, identificando possíveis fragilidades (GUBA e LINCOLN, 2005).

## 4 Análise dos Resultados

Por meio das proposições de Nye (1978) e da análise dos dados coletados, foi possível identificar quatro categorias que serão tratadas nesta seção: (i) existem recompensas decorrentes da internacionalização dos pesquisadores que não foram previstas pela *SET*; (ii) os benefícios dos pesquisadores com a internacionalização não estão restritos apenas ao nível individual, como originariamente defende a teoria; (iii) contrariando premissas da teoria, as escolhas dos pesquisadores por internacionalizar suas carreiras não são realizadas exclusivamente de modo racional; (iv) os custos e recompensas decorrentes de uma atividade internacional, quando comparada com outra, raramente são equivalentes, ao contrário do que defende a teoria.

### 4.1 *Recompensas Individuais não Tratadas pela SET*

A partir das entrevistas, foi possível verificar que os pesquisadores esperam diversos tipos de recompensas com a atividade de internacionalização. Estas recompensas nem sempre estão relacionadas com aspectos financeiros, mas também com recompensas subjetivas, inerentes aos aspectos motivacionais e de realização pessoal para estes pesquisadores. Dentre as principais recompensas mencionadas nas entrevistas, destacamos: o aprendizado, o reconhecimento, a reputação, o *networking*, as oportunidades e a satisfação pessoal.

Aspectos como reconhecimento e reputação são mais recorrentes nas falas dos entrevistados. Eles destacam que quando realizam a publicação internacional de seus trabalhos, recebem visibilidade e reconhecimento por parte de outros pesquisadores, de instituições de ensino, de editoras de periódicos e, também do ambiente acadêmico de forma mais ampla, conforme as citações de Chris, Jennifer e Jacob:

“A recompensa é mais intrínseca da pessoa do que financeira ou da instituição. [...] é saber que eu estou sendo comentado, engajado, respeitado [...]” (Chris)

“Acho que reputação é a primeira, pra quem preza uma reputação internacional, passar a fazer parte desses círculos, ser convidado para conferências, começa a ser considerado alguém, não é mais uma voz silenciosa.” (Jennifer)

“Eles publicarão um estudo usando meu método. Então isso vai aumentar a visibilidade do meu trabalho. Então, acho que esse é o principal benefício para mim.” (Jacob)

Além do reconhecimento e reputação, os entrevistados destacam que o aprendizado adquirido com a inserção no mundo acadêmico é outra forma de recompensa. Eles afirmam que publicar em nível internacional proporciona um aprendizado contínuo, pois a discussão, a pesquisa de novos tópicos e a interação com outros pesquisadores geram um nível de aprendizado diferenciado, conforme citam Ethan, Leslie, Miguel e Alexander:

“Esse aprendizado é contínuo e vem de várias fontes. As vezes eu aprendo até participando de bancas de teses de Doutorado.” (Ethan)

“Então, recompensas intrínsecas em não ser apenas realização pessoal, mas aprendizado, aprendizado pessoal [...]. Nós aprendemos uns com os outros.” (Leslie)

“Eu acho que o aprendizado com a internacionalização é essencial, porque coloca a gente em outro patamar de qualidade.” (Miguel)



“Quando você é um pesquisador, diferenças culturais são interessantes, é muito mais uma oportunidade de aprendizado.” (Alexander)

Outra recompensa destacada pelos entrevistados é relacionada ao *networking* que este tipo de atividade proporciona, pois o pesquisador tem a oportunidade de participar de conferências internacionais, grupos de pesquisa com pesquisadores de diversos lugares, além das relações que aumentam com colegas que estudam a mesma temática e com editores de periódicos internacionais, conforme afirmam Trish, Daniel, Helena e Noah:

“Eu acho que tem uma questão hoje de construção até do seu patrimônio pessoal. Quando um pesquisador consegue se inserir numa rede de pesquisa internacional ele está participando de um determinado espaço de discussão internacional, faz pesquisa, trabalha, dialoga, etc.” (Trish)

“Tornando-se internacional, a chave era o desejo pessoal, e *networking* que eu gostava e senti que iria avançar minha posição na minha universidade por causa da minha formação intercultural e internacional”. (Daniel)

“Cada vez que a gente conhece uma nova pessoa, a gente pode dizer: olha, eu sou parceira do fulano, eu já fui pra tal lugar, eu conheço beltrano. Aquilo vai sendo um cartão de visitas, vai abrindo portas. As pessoas vão entendendo que cada pessoa que circula tem uma visão diferente pra trazer pra elas também. Esses contatos pessoais, essas referências são fundamentais.” (Helena)

“As recompensas são que, ao fazer isso, você conhece muitas pessoas diferentes em diferentes origens. [...] O conhecimento é muito importante, mas também o confronto com outras pessoas e outras culturas [...]. Mas o fato de você trabalhar em um assunto internacional com pessoas de todo o mundo, isso é muito enriquecedor.” (Aiden)

Os pesquisadores também destacaram que as oportunidades profissionais são recompensas deste processo, pois ao publicar internacionalmente percebem oportunidades para ascensão profissional e acadêmica, para participações em eventos entre outras oportunidades profissionais internacionais, conforme citam Anthony e Sandrine:

“tem mais chance de subir na carreira, mais chances de mudar para uma universidade de qualidade melhor, mais chances de ser convidado para ir para o exterior e melhorar ainda mais sua competência.” (Anthony)

“Tem o apoio para eventos internacionais, tem apoio para revisão e tradução se for o caso de artigos para o inglês, tem os períodos sabáticos”. (Sandrine)

Por fim, os pesquisadores citam que a satisfação pessoal é uma importante recompensa deste processo. Eles afirmam que este é um aspecto que está relacionado com recompensas no âmbito pessoal, pois proporciona realização pessoal ao superar os desafios deste tipo de atividade, ao tomar decisões que acreditam ser corretas e, principalmente, por fazerem o que gostam, conforme citações de Leslie, James e Noah:

“Na seção de recompensas eu adicionaria um nível de psique. Algo sobre os benefícios pessoais de fazer o bem ou algo assim. É realização pessoal. O benefício é algo que você, como pesquisador, tem que perseguir. Você tem que fazer sua pesquisa e poder publicá-la. Então esse benefício depende de você.” (Leslie)

“As recompensas que recebo é ver outros lugares, e isso é algo que eu valorizo. E eu conheço pessoas de muitos lugares diferentes - também algo que eu realmente valorizo. A recompensa que recebo é baseada em sermos expostos e ver muitas culturas diferentes e muitas coisas diferentes ao redor do mundo. E eu gosto disso. Eu gosto de preencher meu passaporte.” (James)

“Na minha universidade é isso que vai me dar mais pontos e eu serei mais realizado.” (Noah)

Desta forma, é possível perceber que existem recompensas individuais na atividade de pesquisa, tanto no âmbito pessoal como no âmbito profissional, e que estão relacionadas com questões objetivas e subjetivas para cada pesquisador.

## ***4.2 Benefícios para Terceiros não Contemplados pela SET***

A segunda categoria de análise refere-se aos benefícios em internacionalizar. Com as falas dos entrevistados, é possível perceber que existem benefícios individuais, mas que também existem benefícios coletivos. Ao realizar atividades de internacionalização os pesquisadores afirmam que buscam contribuir com outros públicos, como seus alunos e orientandos, com a formação de outros pesquisadores, com as instituições de ensino e organizações, com a sua área de atuação e com o país.

Beneficiar alunos e orientandos aparece como o principal aspecto desta categoria. Muitos entrevistados acreditam que ao realizarem atividades internacionais contribuirão para formar melhor seus alunos ao apresentarem uma perspectiva global para eles. Além disso, acreditam que contribuem para encaminhá-los ao cenário internacional, conforme destacam Elijah, Benjamin, Alice e Ethan:

“O reflexo disso é que formo melhor os meus alunos.” (Elijah)

“Preparando melhor os nossos alunos para que façam programas fora.” (Benjamin)

“Essa trajetória de crescimento do professor obviamente tem um impacto positivo nos alunos que você orienta, as portas que você pode abrir pra esses alunos. Esses contatos que eu tenho, internacionais, já coloquei à disposição de alunos de Doutorado pra fazer pesquisa. Você abre os horizontes.” (Alice)

“todos os anos uma proporção maior de meus alunos vem de fora. E assim, ao ensinar e envolvê-los em minha pesquisa, estou necessariamente pensando em educação globalmente.” (Ethan)

Outro benefício destacado nas entrevistas refere-se à contribuição para a área de atuação dos pesquisadores, pois por meio de publicações internacionais é possível ampliar o diálogo e o debate sobre a área de atuação, o que contribui para que a escola também avance internacionalmente, conforme citam Noah e Jayden:

“Ter condições de estar em um debate mundial da tua área e ser um dos atores que faz a tua arte avançar e não ser apenas um ator periférico. É claro que disso deriva várias modalidades que são consideradas de internacionalização, mas você só será capaz de fazer essa atividade se tu tens condições de dialogar e fazer avançar sua área internacionalmente.” (Noah)

“Faz parte de mim contribuir para a escola.” (Jayden)

Além do benefício para alunos, orientandos e para a área de atuação, os entrevistados destacaram os benefícios para: (i) a formação de outros pesquisadores (quando as publicações têm impacto local, por exemplo), (ii) as instituições de ensino e organizações (quando o trabalho beneficiar a instituição e/ou organização em que está vinculado) e, (iii) o país (quando a pesquisa é abrangente a este ponto, gerando impacto na prática). Nesse sentido estão as falas de Trish, Helena e Alexander:

“Para mim tem uma questão de você pensar no projeto da instituição, da organização em que você está inserido”. (Trish)

“Se você faz uma boa pesquisa científica, essa pesquisa contribui para a prática, e ao contribuir para prática você melhora a qualidade da gestão, a qualidade das organizações, a qualidade das pessoas no seu país”. (Trish)

“A internacionalização ajuda a instituição de ensino para a avaliação interna, e traz acesso aos recursos”. (Helena)

“Faz parte do meu trabalho investir no futuro de novos pesquisadores, é um benefício meu e é um benefício para a (e da) universidade.” (Alexander)

Assim, além de benefícios individuais para os pesquisadores, os dados apontam que existem também os benefícios para terceiros na atividade de internacionalização, que vão

desde os alunos e orientandos, até a instituição de ensino e o país de atuação do pesquisador. Trata-se de uma visão mais abrangente quando comparada àquela proposta pela *SET*.

#### **4.3 Escolhas de Caráter não Racional não Previstas pela SET**

De acordo com os entrevistados, existem escolhas racionais e não racionais para a internacionalização de suas carreiras. Os entrevistados relatam que algumas escolhas acontecem de forma natural e até mesmo impulsiva, ou acontecem por causa de coerção e pressão por alguma parte envolvida no processo, ou ainda, por curiosidade, sorte, oportunidade e por questões familiares.

Além das escolhas racionais para a internacionalização, outro fator identificado como responsável para a internacionalização dos pesquisadores é a coerção que sofrem das instituições de ensino em que atuam, motivada pelo interesse em obter uma boa pontuação para os programas de Mestrado e Doutorado em que atuam. Apesar da coerção que recebem, os entrevistados enxergam que esse processo é necessário para que o programa em que atuam possa evoluir. Essa situação aparece com mais frequência entre os pesquisadores brasileiros, conforme relatos de Alexander, Arthur e Elijah:

“Meu reitor tem falado para internacionalizar, mas tem falado que é uma meta da universidade, mas não obriga cada indivíduo, cada indivíduo escolhe se quer ou não e o grau de internacionalização que deseja atingir.” (Alexander)

“A internacionalização está cada vez mais relevante, cada vez ela vai tendo um peso maior. Então é natural que haja uma cobrança, uma orientação no sentido de voltar à produção, passar a olhar os rankings de fora.” (Arthur)

“Essa pressão pra publicar em grande quantidade.” (Elijah)

Outros fatores identificados como escolhas de caráter não racional são a sorte e a oportunidade. Os entrevistados afirmam que a sorte está relacionada com o fato de obter bons resultados mediante a tentativa de publicações internacionais sem orientação de alguém mais experiente, e também da carreira ser alavancada mediante um cenário não tão propício. Além disso, outros pesquisadores relatam que tiveram oportunidades decorrentes de convites realizados para atuar no exterior. Relatam também que mesmo que tenham se esforçado muito quando estudantes, tiveram a oportunidade de aprender e crescer nos aspectos culturais, pessoais e profissionais, conforme citações de Robert, Aiden e Alexander:

“Eu achava que eu precisava crescer e tive um golpe de sorte”. (Robert)

“A primeira atividade internacional foi como estudante. [...] para minha dissertação de Mestrado, eu tive que fazer um trabalho de campo.” (Aiden)

“Eu diria que a escolha é muito oportunística.” (Alexander)

A influência da família e escolhas feitas por impulso também são fatores determinantes neste processo, evidenciando que nem sempre estas são extritamente racionais. Por questões familiares, alguns pesquisadores interrompem sua atuação presencial em outros países, para atuarem como pesquisadores no seu país de origem e ficar geograficamente mais próximos de seus familiares. Além disso, escolhas tomadas de forma impulsiva representam outro aspecto para a internacionalização, pois os pesquisadores se envolvem em questões que lhe agradam pessoalmente e profissionalmente, o que se torna uma escolha não racional e planejada. As falas de Ethan e Leslie ilustram essa realidade:

“Quando eu saí do meu Doutorado, eu tinha a opção de ficar lá nos EUA ou lá no mercado internacional. Até meu orientador queria que eu ficasse. A minha esposa, entretanto, quis

muito voltar, quis retornar ao Brasil, e aí eu saí em busca de escolas que tivessem uma orientação fortemente em pesquisa.” (Ethan)

“[...] eu tenho um irmão mais velho que é missionário, e quando eu tinha 18 anos fui visitá-lo. Ele estava situado na Romênia. E essa foi a minha primeira viagem internacional para o exterior.” (Leslie)

Outro aspecto que foi mencionado nas entrevistas está relacionado à curiosidade do pesquisador, que acreditam que cruzar as fronteiras do seu país de origem em busca da internacionalização é um desafio encantador, proporcionando o conhecimento de novos países e culturas. Os entrevistados Aiden, William e Rafael ilustram esse aspecto:

“O foco na internacionalização tornou-se uma prática no campo e, em seguida, nós nos perguntamos: bem, o que é isso? Por que nós estamos fazendo isso? Como nós estamos fazendo isso? E é diferente na Europa? E nos Estados Unidos, na Austrália, na América Latina e na Ásia? Então, a curiosidade estava me levando muito mais do que qualquer outra coisa.” (Aiden)

“Interesse, sempre me interessou entender melhor outros países.” (William)

“Tem um ganho cultural muito grande, porque eu realmente conheci muitos países já. [...] viajando por diversos motivos, para parcerias de pesquisas, principalmente congressos, workshops, coisas do tipo. [...] O ganho cultural é uma grande experiência positiva.” (Rafael)

As evidências deixam claro que as principais escolhas apresentadas pelos pesquisadores para suas escolhas pela internacionalização não são necessariamente racionais e planejadas, dado que em diversas situações elas parecem ocorrer de forma extrínseca e, em muitos casos, de modo alheio à própria vontade do pesquisador. Trata-se de mais um ponto que carece de desenvolvimento pela *SET*.

#### ***4.4 A condição de Equivalência entre Recompensas e Custos Prevista pela SET Apresenta Fragilidades***

Os entrevistados demonstram em seus relatos que algumas atividades acadêmicas não possuem recompensas e custos equivalentes para si, isto é, muitas atividades parecem visivelmente trazer diferentes percepções da relação custo-benefício para os entrevistados. O tempo investido para realização de publicações internacionais e em periódicos de alto impacto, por exemplo, são maiores quando comparados com publicações em estratos menores. Assim, os projetos que demandam mais tempo, dedicação e esforços estão relacionados com altas expectativas de recompensas. Um exemplo desta expectativa pode ser o custo pessoal que o distanciamento dos familiares acarreta para o indivíduo. Por isso, para uma parte dos entrevistados, quando uma publicação neste nível é rejeitada, a recompensa esperada pode não estar à altura do custo empregado.

Além das publicações internacionais, outras atividades que são realizadas em contexto internacional e que envolvem a família do pesquisador, transformam-se em um custo emocional e financeiro a ser analisado, conforme citam Ethan, Alexander e Lucas:

“Eu recebo mais pontos se publico no A1, no estrato A1. Mas o tempo pra você publicar, pra você publicar num top journal é muito maior, vamos ser sinceros, que qualquer journal nacional. Os journals nacionais evoluíram muito de qualidade, mas o tempo é muito maior, se você fizer racionalmente o cálculo, quer dizer, o que você recebe ali [...] eu acho que não incentiva, sinceramente, não incentiva.” (Ethan)

“Se eu quisesse ficar um ano em qualquer país eles pagariam para eu realocar minha família por um ano para ficar trabalhando em algum outro país. Então é um incentivo nesse sentido.” (Alexander)

“A vantagem é que meu trabalho é muito conhecido no exterior, e para a faculdade isso é importante, [...] e também eu vendo mais livros, então eu tenho que deixar minha esposa, que de vez em quando vai comigo, mas que na maior parte do tempo não dá, e nós temos cachorros então eu sinto saudades.” (Lucas)

Além dos custos pessoais que envolvem seus familiares, existem os custos financeiros, e também os custos mentais. A resiliência torna-se uma competência importante para que os pesquisadores não desanimem e concentrem o foco em lidar com estes custos, muitas vezes visando as recompensas que virão de cada atividade. Para outra parte de pesquisadores, as rejeições de suas publicações em altos níveis internacionais são formas de aprendizado para que evoluam em suas pesquisas. É possível perceber na fala dos entrevistados que as recompensas de seus esforços podem ser obtidas a curto, médio ou longo prazo, e que vão variar de pesquisador para pesquisador, conforme afirmam Lucas, Sandrine e Noah:

“Uma revista muito importante a nível internacional, seja de que área for, vai ter uma taxa de rejeição de 90% ou de 95%, então se você acha que pode estar entre aqueles 5 ou 10% vai ter que trabalhar muito para conseguir isso. Todos os meus artigos iniciais foram rejeitados, todos, e com comentários super negativos, mas, não ficou assim, porque eu fiquei trabalhando, trabalhando, tentando, tentando e eventualmente consegui.” (Lucas)

“Em uma submissão para um periódico internacional, se você tiver o ‘desk reject’, que é rápido, em torno de 15 dias ou um mês (neste caso você tem sua resposta, ou seja, teu artigo não serve para aquele periódico), você pode trabalhar ele e já enviar para outro, em que talvez vá para revisão, demorada.” (Sandrine)

“Então isso vem muito da atitude da pessoa que sabe que quer tentar isso e vai atrás e tem que ser resiliente porque é uma atividade onde tu vais receber mais rejeições e não tem que se assustar com isso, por que é uma curva de aprendizagem de longo prazo. Tu tens que entrar no processo e saber que o rejeitado que tu estás recebendo hoje é para que daqui 10 anos tu possas publicar em uma revista boa da área.” (Noah)

Outro fator que interfere na relação entre custo e recompensa são os diferentes cenários em que cada pesquisador está inserido. Existem situações em que a organização escolhida e/ou pessoas envolvidas e/ou local de análise tornam-se facilitadores ou barreiras para desenvolver o projeto. O cenário em que o pesquisador está inserido, o financiamento que ele recebe, o apoio e a rede de parcerias que ele tem, variam de acordo com cada projeto, por isso, suas recompensas também serão variáveis para cada pesquisador. Conforme citações dos entrevistados William, Lucas e Jacob:

“(custo mental) eu diria que na internacionalização não é um custo, é um benefício. Porque saindo do país você deixa para trás todo tipo de problema [...], então é quase um alívio.” (William)

“É sempre mais difícil viajar internacionalmente do que viajar dentro do seu país, por exemplo por causa da documentação e do custo da viagem.” (Lucas)

“Fazendo a viagem, você será capaz de conhecer novas pessoas que vivem em diferentes países. Se você estuda um país africano, seria benéfico para a sua pesquisa conversar com acadêmicos africanos naquele país, certo? Mas, o custo da viagem – o custo do tempo – eu acho que é a chave.” (Jacob)

É possível perceber que as recompensas financeiras podem ficar em segundo plano quando os pesquisadores enxergam propósito ou possuem um envolvimento emocional com a pesquisa. Aspectos subjetivos como o interesse em colocar seus projetos em prática e perceber que eles estão sendo utilizados, tornam-se a principal recompensa, fazendo com que o retorno financeiro não seja algo relevante naquele cenário para o pesquisador. Leslie, Helena e Liam ilustram situações em que isso ocorre:

“Eu considero no que estou interessada e apaixonada em primeiro lugar. Se eu não sou apaixonada pelo projeto, não vou ter força para fazê-lo. Você tem que estar fazendo algo que vai te levantar às seis horas da manhã por três semanas seguidas, certo? E puxando as madrugadas. Então eu diria que eu faço o que eu realmente estou interessada e apaixonada.

Eu diria que estou aberta às oportunidades, se houver alguma coisa. Eu realmente não faço uma análise de custo-benefício. Eu sempre vivi a minha vida apenas tomando e buscando oportunidades. Muito raramente considerando os custos benefícios.” (Leslie)

“Eu acho que já gastei um apartamento em viagens para congresso. [...] Já tirei muito dinheiro do meu bolso. [...] E não me arrependo. Acho que foi o melhor investimento que já fiz na vida.” (Helena)

“Este livro foi traduzido, muito rapidamente, para o português, espanhol, chinês - português inicialmente. E eu sei que as pessoas no Brasil que estavam planejando seu último curso, e no México - eles usaram as ideias daquele livro. Então isso me dá muito prazer. Para mim, isso é sucesso - as pessoas estão usando.” (Liam)

“O programa foi um enorme sucesso quando foi lançado [...]. Mas nós nunca tiramos um artigo dessa coisa, nunca tivemos uma publicação, e eu percebi o porquê, as pessoas - os professores - que estão fazendo essa coisa estavam muito ocupadas executando este programa. [...] Não é recompensa para mim, são basicamente custos e produtividade.” (Liam)

Assim, é possível destacar que custos e recompensas podem variar de acordo com o tempo e dedicação empreendida em cada projeto, além disso, cada pesquisador vai escolher e avaliar de forma diferente se suas atividades estão alcançando a recompensa esperada e desejada. Assim como os custos envolvidos não são apenas financeiros, mas emocionais, físicos e mentais, as recompensas também não o serão.

## **5. Discussão e Conclusão: fragilidades e oportunidades para a SET**

O objetivo deste artigo foi o de analisar as fragilidades e oportunidades da *Social Exchange Theory* quando aplicada no contexto da internacionalização de pesquisadores acadêmicos em tempo integral. Para tal, desenvolvemos um estudo qualitativo com uma revisão dos principais conceitos sobre a internacionalização de pesquisadores e a SET, e entrevistamos 39 pesquisadores internacionais atuantes nos Estados Unidos e no Brasil. Ao compararmos e analisarmos o conjunto das proposições que compõem a SET com os relatos dos entrevistados, destacamos pontos de convergências e divergências entre (i) a teoria e (ii) nossos dados empíricos e a literatura. Desse modo, identificamos que existem pressupostos teóricos que podem ser adaptados e/ou complementados pela SET, tendo sido esta a principal contribuição de nosso artigo.

Em nossa primeira categoria de análise, sobre as recompensas individuais, a SET destaca o aspecto financeiro como uma recompensa relevante (EMERSON, 1976; NYE, 1978; BLAU, 1986). Complementamos este pressuposto, evidenciando que por meio dos resultados das entrevistas, existem recompensas individuais que não são tratadas pela SET. Os entrevistados buscam recompensas que não são apenas financeiras, como o aprendizado, o reconhecimento, a reputação, o *networking*, as oportunidades e a satisfação pessoal.

Os estudos de Homans (1958), Mazza (2007) e Romani-Dias *et al.* (2019) apontam para essa evidência, afirmando que os benefícios e os custos são pensados como uma imagem de valores e anseios de cada pessoa e que algumas trocas sociais provocam obrigações que não podem ser exatamente explicitadas e negociadas. As recompensas incluem: o prazer, a satisfação, a gratificação e a realização das necessidades. Desta forma, ao buscarem a internacionalização, os pesquisadores realizam trocas em que são recompensados com benefícios materiais e com valores sociais e não monetários.

Com relação à segunda categoria, sobre a existência de benefícios para terceiros que não são contemplados pela SET, Nye (1978) afirma que a SET tem como ponto principal o interesse próprio e que há uma combinação de necessidades econômicas e psicológicas para o

próprio indivíduo. Homans (1958) e Emerson (1972) também reforçam essa proposição quando dizem que as pessoas formam e mantêm relações quando acreditam que vão sair beneficiadas desses relacionamentos. Cropanzano e Mitchell (2005) afirmam que a *SET* é uma busca por reciprocidade e que um relacionamento é regido pelo ganho coletivo. As entrevistas reforçam esta argumentação, pois os benefícios não são somente para o pesquisador internacional em nível individual, dado que também atuam de forma colaborativa para que alunos, orientandos, outros pesquisadores, instituições de ensino, organizações, países e áreas de atuação sejam beneficiados. Desta forma, os pesquisadores não buscam a internacionalização visando apenas o benefício próprio.

Ademais, os dados revelam que existem escolhas de caráter não racional que não são previstas pela *SET*, resultado que diverge, em partes, das afirmações de Nye (1978) e Cropanzano e Mitchell (2005), que afirmam que as escolhas feitas pelos pesquisadores para se internacionalizarem são substancialmente racionais. De acordo com as críticas feitas por Zafirovski (2005) em relação à teoria, e também por meio das entrevistas, verificamos que os pesquisadores têm vários outros fatores que os leval no sentido da internacionalização, como sorte, curiosidade, impulso, questões familiares e pressões institucionais.

Por fim, Nye (1978) trata na *SET* da possibilidade de equivalência frequente entre recompensas e custos de determinadas atividades. Entretanto, e trazendo para nosso fenômeno, os respondentes afirmam que atividades internacionais possuem custos e recompensas mensuravelmente distintos. Como exemplo temos o envio de artigos para periódicos internacionais de alto nível (conhecidos como *top journals*), o que gera um *feedback* crítico e rigoroso por parte dos editores e revisores destes periódicos, contribuindo para o aprendizado destes pesquisadores, principalmente quando há rejeições destes artigos. Não podemos inferir que este processo seria similar ao do envio para a maior parte dos periódicos científicos brasileiros, dado que a própria natureza de seus processos é distinta – falamos, portanto, de recompensas e custos diametralmente opostos, e que devem ser observados pela *SET*. A Tabela 2 traz uma síntese das características da *SET* e de suas fragilidades:

Tabela 2 – Fragilidades da Social Exchange Theory e Oportunidades de Complemento

Síntese da SET	Fragilidades e oportunidades a partir dos respondentes
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As recompensas decorrentes das atividades dos indivíduos são mensuráveis e de relativa previsibilidade (Nye, 1978);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As recompensas decorrentes de atividades complexas não são facilmente mensuráveis e previsíveis: <i>“esse aprendizado é contínuo e vem de várias fontes. As vezes eu aprendo até participando de bancas de teses de Doutorado.” (Ethan)</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos tomam suas escolhas com base em seus interesses individuais (Nye, 1978);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos, frequentemente, tomam suas decisões com base em benefícios para terceiros, que vão além de seus ganhos individuais: <i>“faz parte do meu trabalho investir no futuro de novos pesquisadores, é um benefício meu e é um benefício para a (e da) universidade.” (Alexander)</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos tomam suas decisões de forma racional (Nye, 1978);</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos, frequentemente, tomam suas decisões com base em critérios como intuição, emoção e pressões institucionais: <i>“eu considero no que estou interessada e apaixonada em primeiro lugar. Se eu não sou apaixonada pelo projeto, não vou ter força para fazê-lo.” (Leslie)</i></li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos devem decidir entre uma série de alternativas com recompensas e custos equivalentes (Nye, 1978).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Indivíduos, frequentemente, decidem entre alternativas que apesar de terem aparente custo-benefício vantajoso, trazem recompensas e custos muitos distintos, e que, portanto, não são equivalentes: <i>“então isso vem muito da atitude da pessoa que sabe que quer tentar isso e vai atrás e tem que ser resiliente porque é uma atividade onde tu vais receber mais rejects [...]” (Noah)</i></li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Ainda que tenha sido conduzido de modo a atingir seu propósito central, este artigo também apresenta algumas limitações, dentre as quais destacamos a necessidade de investigação da adoção da *SET* em outros campos do conhecimento, dada a escassez de seu uso em pesquisas que tratem em específico do contexto educacional. Esta é também uma oportunidade de estudos futuros, com base na qual defendemos a necessidade de pesquisas interdisciplinares sobre a aplicabilidade da *Social Exchange Theory*, dado tratar-se de uma teoria clássica, porém atual, presente no campo das Ciências Sociais Aplicadas. De forma mais ampla, durante nosso estudo identificamos a necessidade de mais pesquisas de caráter teórico sobre a grande temática da Internacionalização do Ensino Superior, que vem sendo amplamente tratada em diversos periódicos pelo mundo, com estudos que ora investigam a internacionalização de estudantes, ora a internacionalização de pesquisadores e de instituições de ensino como um todo, mas que são erguidos quase que exclusivamente de forma empírica e sem a adoção de teorias norteadoras de suas discussões. Entendemos, portanto, que ao caminharmos no desenvolvimento de estudos teóricos traremos uma substancial contribuição para a compreensão de nosso tema.

## Referências

- BLAU, P. *Exchange and power in social life*. 5.ed. New Brunswick and London: Transaction Publishers, 1986.
- BRITISH COUNCIL. **Universidades para o mundo**: desafios e oportunidades para a internacionalização, 2018.
- BURRELL, G; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organizational analysis*: elements of the sociology of corporate life. London: Heinemann, 1979.
- CAPES. *Area Document 2013 (Area of Administration)*. [https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Administracao\\_doc\\_area\\_e\\_comissao\\_16out.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Administracao_doc_area_e_comissao_16out.pdf), 2013.
- CAPES. **Resultado da Avaliação Quadrienal**. <http://avaliacaoquadrienal.capes.gov.br/resultado-da-avaliacao-quadrienal-2017-2>, 2017.
- CARNEGIE FOUNDATION. *Standard listings*. <http://carnegieclassifications.iu.edu/listings.php>, 2018.
- CRESWELL, J. *Research design*: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage, 2003.
- CROPANZANO, R.; MITCHELL, M. “Social exchange theory: An interdisciplinary review”. *Journal of management*, v. 31, n. 6, p. 874-900, 2017.
- CROPANZANO, R.; ANTHONY, E; DANIELS, S.; HALL, A. “Social exchange theory: A critical review with theoretical remedies”. *Academy of Management Annals*, v. 11, n. 1, p. 479-516, 2017.
- ELSEVIER. *Gender in the global research landscape*. [https://www.elsevier.com/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0008/265661/ElsevierGenderReport\\_final\\_for-web.pdf](https://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf), 2018.
- EMERSON, R. *Exchange Theory*. Part II: Exchange Relations and Network Structures. p. 38-87. In: Berger, J.; Zelditch Jr, M.; Anderson, B., *Sociological Theories in Progress*, Vol. 2. Houghton: Mifflin, 1972.
- EMERSON, R. “Social exchange theory (sociology view)”. *Annual Review of Sociology*, v. 2, n. 1, p. 335-362, 1976.



- GUBA, E.; LINCOLN Y. “Paradigmatic Controversies, Contradictions and Emerging Confluences”. In *The SAGE Handbook of Qualitative Research*, edited by N.K. Denzin, and Y.S. Lincoln 191-215. Thousand Oaks: Sage, 2005.
- HESKETH, J.; COSTA, M. “Construção de um instrumento para medida de satisfação no trabalho”. *Rev. Adm. Emp.* Rio de Janeiro: julho/setembro, 1980.
- HOMANS, C. “Social behavior as exchange”. *American Journal of Sociology*, 63: 597-606, 1958, In: Hare, A.; Brogatta, E.; Bales, R., Small Groups. New York: Alfred a Knopf, 1966.
- HOTCOURSES. *Hotcourses* *Diversity* *Index*. <https://www.hotcourses.com.br/study/rankings/hdi.html?country=uk&scrollpos=720#>, 2019.
- KERLINGER, F.; LEE, H. *Survey research: Foundations of behavioral research*. Orlando: Harcourt, 2000.
- KNIGHT, J. *The internationalization of higher education: are we on the right track?*. Academic Matters: The Journal of Higher Education, 2008.
- LAWLER, E.; THYE, S.; YOON, J. “Emotion and group cohesion in productive Exchange”. *American Journal of Sociology*. v.106, n. 3, p. 616-57, 2000.
- MASLOW, A. *Motivation and personality*. New York, Harper, 1954.
- MAZENOD, A. “Lost in translation? Comparative education research and the production of academic knowledge”. *Compare: A Journal of Comparative and International Education*, v. 48, n. 2, p. 189-205, 2018.
- MAZZA, A. *As relações interpessoais em encontros de serviço: uma abordagem à luz da teoria das trocas sociais*. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2007.
- MOLM, L. “Dependence and risk: Transforming the structure of social Exchange”. *Social Psychology Quarterly*, v.1, n.57, p.163-176, 1994.
- NYE, F. “Is choice and exchange theory the key?”. *Journal of Marriage and the Family*, v. 40, n.2, p. 219-233, 1978.
- RAMOS, M. “Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos”. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 44, n. 1, p1-22, 2018.
- ROMANI-DIAS, M.; CARNEIRO J.; BARBOSA, A. “Internationalization of higher education institutions: the underestimated role of faculty”. *International Journal of Educational Management*, v. 33, n. 2, p. 300-316, 2019.
- ROMANI-DIAS, M. *Internationalization in higher education: the fundamental role of faculty*. Tese – FGV São Paulo School of Business Administration, São Paulo, 2018.
- SANTIN, D. “Internacionalização da produção científica brasileira: políticas, estratégias e medidas de avaliação”. *RBPG*, v. 13, n. 30, p. 81-100, 2016.
- STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park: Sage, 1990.
- VELLOSO, J. *Pós-graduação no Brasil: formação e trabalho de mestres e doutores no país*. Brasília: Capes/Unesco, 2002.
- WEISS, M.; STEVENS C. “Motivation and attrition of female coaches: An application of social exchange theory”. *The Sport Psychologist*, v.7, n.3, p. 244-261, 1993.
- ZAFIROVSKI, M. “Social Exchange Theory under scrutiny: a positive critique of its economic-behaviorist formulations”. *Electronic Journal of Sociology*, v. 2, n. 2, p. 1-40, 2005.